

## ■ Democratização da comunicação, dívida ainda pendente

Jorge Duarte

O Seminário Internacional Latino-Americano de Pesquisa da Comunicação, realizado de 12 a 14 de maio na Universidade de São Paulo, reuniu cerca de 200 pesquisadores e professores para discutir formas de estimular a democratização da comunicação. Organizado pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic) e Escola de Comunicação e Artes da USP, contou com representantes de países como Brasil, Chile, Argentina, Bolívia, Uruguai, Colômbia, Venezuela.

O tema central foi “Democratizar a comunicação: uma tarefa pendente?” e teve como mote a comemoração dos 25 anos, resgate e atualização das discussões relacionadas à Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (Nomic) e o Informe Mac Bride. Os subtemas do seminário refletiram esta necessidade: o que é democratizar a comunicação em tempos de globalização e da revolução tecnológica da informação? Políticas públicas de comunicação na América Latina na contemporaneidade: análises e desafios.

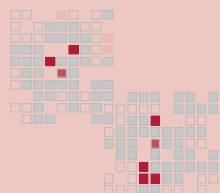
O interessante e oportuno debate surgido nos anos 1970 sobre as po-

líticas nacionais de comunicação sofreu descontinuidade no início da década seguinte por uma série de fatores. O principal costuma ser atribuído ao desinteresse, seguindo de um esvaziamento estratégico promovido pelos Estados Unidos e Reino Unido, que se utilizaram de sua capacidade de pressão política junto aos organismos internacionais para boicotar o avanço das discussões. Mas isto não explica tudo. Pode-se debitar o interregno, entretanto, a uma série de outros motivos, como a debilidade das democracias, o excesso de discussões, debates, propostas com pouca ação e resultados práticos. As mudanças que vieram logo a seguir (consolidação do modelo neoliberal, o surgimento de novas mídias, as fortes transformações tecnológicas, de mercado e até mesmo no público) alteraram as bases da estrutura de comunicação e talvez tenham causado a descontinuidade da discussão.

Assim, o debate novamente ganha fôlego, agora, disseminado em uma série de fóruns globais como a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação de 2003, em Genebra e os fóruns sociais, e em movimentos eventos diversos e locais, em geral não organizados sob o tema de democratização da comunicação, mas a ele diretamente relacionado. O surgimento de grupos de interesse restrito, a formação de redes coo-

perativas, a ação local, a segmentação da mídia, os canais a cabo, a disseminação de rádios comunitárias e a capilaridade das redes sociais fizeram que as políticas universalistas fossem redimensionadas e que a ampla gama de temas emergentes exija múltiplas e inovadoras soluções, que passam sempre pela participação e debate entre os atores envolvidos, pela adaptação temática e pela busca de soluções condizentes com cada realidade.

O seminário surge neste momento histórico e além de recuperar o debate sobre regulamentação da estrutura, funcionamento, bases normativas e objetivos da estrutura dos meios de comunicação de massa, adota um temário que incorporara assuntos como a comunicação organizacional e internet ou adapta a natureza universal da democracia da comunicação para debates relacionados à transparência, por exemplo. Ou seja, a discussão, antes focada no incentivo à comunicação alternativa, acesso popular aos meios massivos e discussão sobre a propriedade das grandes redes agora está disseminada em uma série de temas – não apenas fruto da atualização dos novos meios, mas também do reconhecimento de uma nova conjuntura social. Como resultado, as palavras-chave foram participação, acesso e regulamentação e



os temas mais comuns estiveram relacionados à necessidade de ampliar a democracia na distribuição dos meios de comunicação, o estímulo ao engajamento, envolvimento, integração do cidadão nas políticas públicas e na própria comunidade e a necessidade de mecanismos de Estado que facilitem o acesso do cidadão, do público aos meios de comunicação e ao próprio Estado.

Para relatar o que foi o seminário talvez seja uma boa alternativa dividi-lo em dois grandes eixos: os debates no plenário e os grupos de trabalho. Nos painéis e mesas redonda do plenário, há um acerto de contas com o passado e discussão sobre o momento atual e perspectivas futuras. Foram discutidos temas como as experiências democráticas de políticas de comunicação, mudanças tecnológicas presentes na região sobre a democratização dos meios de comunicação, expostos casos de experiências bem sucedidas na área e de criação de ambientes de participação e diálogo. Já no outro ambiente, os grupos de trabalho temáticos, tratou-se mais minuciosamente, por temas, da análise da comunicação em áreas específicas como rádio, organizações, televisão, imprensa, vídeo, novas mídias, na educação.

Os grupos de discussão foram, talvez, a principal novidade do se-

minário e, não apenas reforçaram a tendência de alastrar a democratização da comunicação como adaptar a discussão a cada realidade e a cada tema. Além dos debates, também foi oportuna a mostra de vídeos “pela democratização dos meios de comunicação”, em geral com ênfase bastante crítica à mídia dominante (um retorno às origens?). Destaque, tanto nas exposições do plenário como nos GTs, para o acentuado número de exemplos de ações locais, com grupos e agentes tomando a iniciativa de buscar alternativas adaptadas à cada situação para estimular a popularização dos meios e a transparência das ações.

O ressurgimento do tema políticas de comunicação ocorre em um momento particularmente incomum na América Latina: a democracia viseja em todos quase os Países (lembramos de Cuba) e grande número de novos atores sociais consolidaram presença, estabelecendo focos de atuação democrática em áreas como rádios comunitárias, internet, e organizações públicas e privadas. Lideranças populares e acadêmicas de períodos em que o clamor da democratização da informação fazia pouco som nos ouvidos dos dirigentes assumiram papel de relevância nas estruturas estatais, ganharam o direito de serem ouvidos ou encontraram alternativas para romper

com as barreiras instaladas. Os acadêmicos, de um lado, minam as tendências naturalmente autoritárias do Estado enquanto os grupos sociais organizados tratam de operar nos mecanismos legais e administrativos, mais preocupados em tomar iniciativas práticas do que em declarações e debates. E nisto vamos avançando, talvez com menos visibilidade, com soluções menos universais, mas com mais segurança. Apesar do bom impulso recente, o caminho é longo e acidentado.

Oportuna foi a conferência do então Ministro da Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência da República, Luiz Gushiken, tratada como oportunidade de diálogo entre academia e governo. Luiz Gushiken pediu engajamento das universidades na discussão sobre comunicação pública de maneira a subsidiar a ação governamental. Neste sentido, propôs a ampliação do foco do debate, incluindo entre suas preocupações a exigência de que o serviço público tenha qualidade comunicativa e que a “relação interativa entre o Estado e o cidadão” seja mais equilibrada e saudável.

Luiz Milanesi, diretor da ECA-USP, já na abertura, destacou que a universidade deve cumprir seu papel de socialização do conhecimento e participação social, deixar de ser o muro das lamen-

tações e partir para ações concretas. Do mesmo modo, Margarida Kunsch, presidente da Alaic, chamou a atenção para a relevância de temas como comunicação pública, destacando que deveriam estar mais presentes nas universidades, propondo a ampliação do debate já na graduação. O seminário é exemplo de como a academia pode contribuir para o avanço de debates, mesmo inconclusos há tanto tempo, e estimular ações ainda pendentes, como as da democratização da comunicação.

Um dos relatórios finais, o do grupo de discussão que tratou da democratização da comunicação nas novas mídias, traz síntese bastante apropriada dos debates e do momento atual: a Nomic foi concebida num momento histórico onde a liberdade de imprensa era a questão central. Logo depois, com a suposta configuração da Aldeia Global de McLuhan, haveria maior espaço para a democratização da informação o que seria acentuado com o advento das mídias digitais e da internet, sob a égide de uma rede sem controle e de ampla liberdade de participação. “Tais momentos, ainda que somados, revelam, através da realidade por todos nós vivenciada, e relatada nos papers apresentados, que a democratização da comunicação ainda é uma tarefa pen-

dente e, cada vez mais atrelada a variáveis sociais, políticas e econômicas que devem ser incluídas nas discussões. Apenas as inovações tecnológicas não contribuem para o processo de acesso à informação. Apesar das diferentes denominações para o atual momento comunicacional que vivemos – sociedade da informação, sociedade do conhecimento etc. – em realidade, estamos passando por uma sociedade em transição e, portanto por processos mediáticos em transição. Portanto, prenuncia-se uma necessidade de discutir uma nova agenda para as comunicações no mundo”.

O grupo de trabalho “democratização da comunicação nas organizações” lançou pistas sobre uma alternativa que talvez seja eficiente: “voltar do público ao público”, ou seja, chamar a sociedade para o debate, para a participação, para a compreensão do que é feito e a ela está relacionado. “O Estado deve agir com as chamadas políticas de transparência, que busquem tornar visível e compreensível a trama das decisões políticas. A sociedade deve gerar mecanismos de monitoramento e controle cidadão sobre as políticas e sua execução cotidiana. Em ambos, a comunicação e os comunicadores cumprem um papel importante”. Isto, como relata o grupo, significa a oportunidade e o desafio de novos

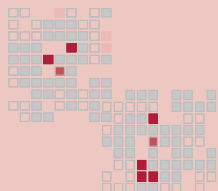
papéis para os comunicadores. Talvez buscar o retorno à comunicação como entendimento, participação, envolvimento, cooperação e não apenas disseminação de informação.

### ■ Celacom'2005 abordou o legado utópico de Mario Kaplún

O IX Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana, Celacom'2005, foi realizado na Universidade Metodista de São Paulo, entre os dias 9 e 11 de maio. O encontro teve como tema central “Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún” e sub-temas “O Diálogo criativo entre produção e recepção na práxis de Mário Kaplún”, “A leitura crítica da mídia e a participação cidadã”, “Os movimentos de educação popular e a tele-educação: do rádio à internet”.

O evento somou um total de 53 instituições participantes dos mais diversos estados do país (Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e São Paulo).

Ainda houve a participação de 349 graduandos divididos em 26 cursos (Ciências da Religião, Ciên-



cias Sociais, Comunicação Mercadológica, Comunicação Social, Comunicação Social/Pedagogia, Direito e Jornalismo, Inglês Instrumental, Jornalismo, Editoração, Publicidade e Propaganda, Letras, Mídias Digitais, Normal Superior, Pedagogia, Marketing, Psicologia, Radialismo, Comunicação Mercadológica, entre outros. Além de pesquisadores do Brasil, o Celacom'2005 contou com a presença de 36 investigadores do exterior: Peru, Espanha, Chile, Colômbia, Costa Rica, Uruguai, Venezuela e Paraguai.

O encontro ainda abriu espaço para lançamentos de livros, entre eles, Anuário Unesco/Umesp nº8, Sociedade do Conhecimento: aportes latino-americanos (ambos da Cátedra Unesco/Umesp); Governar e Comunicar, Gérman Caicedo, além da Revista da Faculdade de Comunicação e Publicidade da Universidade Santiago de Cali, entre outras publicações.

■ **Un grano de arena en la incesante búsqueda de la democratización de la palabra y las sociedades**

**Gabriel Marrapodi**

Con estas palabras, Damián Loreti, secretario de Cultura de la Argentina, sintetizó el espíritu del III Congreso Panamericano de Comunicación realizado entre el 12

y el 16 de julio de 2005 en la Universidad de Buenos Aires (UBA), en el que los desafíos de la Sociedad de la Información fueron discutidos durante cinco fructíferas jornadas.

En lo que ha sido un encuentro de interrelación y pluralismo de ideas y trabajos, el congreso organizado por la carrera de Ciencias de la Comunicación (Facultad de Ciencias Sociales, UBA) fue una oportunidad para reemplazar las estigmatizaciones y las invisibilidades del discurso único en el debate sobre la necesidad de reforzar el diálogo cultural, en una región donde predominan los intereses económicos en la integración.

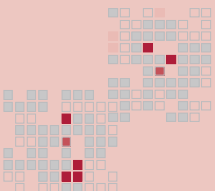
En este sentido, los organizadores del congreso se pusieron como objetivo que los asistentes adhieran a que los procesos de integración deben plantearse desde la complementación de los pueblos y no desde la homogeneización de sus intereses y consumos.

Provenientes de América latina, Canadá, Estados Unidos, España, el Reino Unido, El Líbano, el País Vasco, Francia y Portugal, más de 800 estudiosos y especialistas, estudiantes y periodistas se reunieron para dialogar sobre problemáticas y propuestas para mejorar la comunicación, como un aspecto indispensable para pensar en procesos de integración cultural. El éxito del espíritu de la convocatoria fue tal que los organi-

zadores del congreso debieron cambiar la sede de la Facultad de Ciencias Sociales por la de Derecho, ya que la asistencia superó ampliamente las previsiones.

La conferencia inaugural estuvo a cargo de Armand Mattelart, quien hizo un recorrido sobre el pasado y el presente de la Sociedad de la Información, desde el "Nuevo Orden Mundial de la Información y la Comunicación y la Cumbre Mundial de la Sociedad de la Información". La participación del destacado especialista belga estuvo precedida por el Rector de la UBA, Dr. Guillermo Jaim Etcheverry, el Decano de la Facultad de Ciencias Sociales, Dr. Federico Schuster, el Director de la carrera de Ciencias de la Comunicación, Dr. Damián Loreti, el secretario de Cultura de la Nación, José Nun y el Jefe de Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, Aníbal Ibarra, quienes realizaron el acto de apertura.

En el bloque de paneles dedicados a las políticas culturales y comunicacionales en la era de la integración se debatieron las nuevas formas de valorización de capitales y nuevas estrategias en las industrias culturales; las rupturas y continuidades en torno al espacio público, las políticas de comunicación frente a los procesos de integración; y las problemáticas históricas de la comunicación para el desarrollo en América Latina.



En el segundo bloque se discutió sobre ciudadanía, participación, democracia y diversidad cultural; los temas aquí fueron los nuevos y viejos problemas sobre cultura, multiculturalismo, cultura masiva y cultura popular; el concepto de “hibridación” cultural formulado por García Canclini; las nuevas tecnologías y los problemas de construcción, participación e incidencias del uso instrumental; las tensiones entre información y ficción para la ciudadanía en la Sociedad de la Información; y los movimientos sociales alternativos y las transformaciones en la subjetividad como desafíos para la comunicación.

En los workshops se pudo compartir la presentación nuevas revistas de comunicación, el planteo de desafíos para el estudio de la sociedad de la información en Argentina, América latina y Europa, las experiencias alternativas de comunicación y televisión pública en la región, los aspectos sociales y culturales del acuerdo de integración regional del Mercosur; el análisis de la política audiovisual de la Unión Europea, de los medios públicos en América latina y de la identidad, además de la comunicación institucional, la educación y el entretenimiento, la diversidad sociocultural, la interactividad y el arte, fueron también ejes de debates.

En el sitio web de la carrera de Ciencias de la Comunicación de

la UBA (<http://comunicacion.fsoc.uba.ar/panam.htm>) se puede acceder al programa del congreso, así como también a la reseña de paneles, mesas y workshops que se realizaron, con sus respectivos disertantes. Es destacable la capacidad de gestión de quienes estuvieron a cargo de la realización de este encuentro; desde los comités científicos local, nacional e internacional, hasta el comité ejecutivo y los graduados y alumnos de Comunicación que colaboraron como asistentes.

Muy importante fue, además, el apoyo recibido por parte de la Secretaría de Cultura de la Nación, el Ministerio de Relaciones Exteriores, el Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, el Banco Ciudad de Buenos Aires, el Conicet, el Foncyt, las embajadas Británica y de Canadá, la World Association for Christian Communications, la Fundación Friedrich Ebert y la empresa IBM.

### ■ Revista Boliviana de Comunicación cumple 10 años

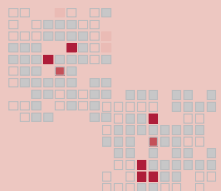
Dependiendo del “qué” y del “dónde” 10 años pueden parecer muchos o pocos. En nuestro caso consideramos que son muchos, pues en esta ocasión el qué es una revista y el dónde es Bolivia, contexto en el que –sin ánimo de exagerar– cualquier esfuerzo de

producción editorial no comercial que logre superar el primer número es ya un logro digno de reconocimiento. Además, es motivo de orgullo si la publicación no sólo se ha mantenido en el tiempo sino que ha logrado su aceptación y valoración en el ámbito al cual estaba dirigida.

La publicación a la que se hace referencia es *Punto Cero*, revista académica y científica de docentes y estudiantes de la Carrera de Ciencias de la Comunicación Social de la Universidad Católica Boliviana San Pablo (UCB), Cochabamba, que cumplió 10 años de existencia

*Punto Cero* nació como un desafío a la necesidad de contar con un medio de divulgación académica en el contexto boliviano, comprometiéndose a ser un espacio para que docentes, estudiantes y comunicólogos nacionales y extranjeros dieran a conocer sus contribuciones al estudio de la comunicación social en el mundo contemporáneo.

Como una manera de conmemorar los 10 años de *Punto Cero*, los editores incluyeron en su último número el índice acumulativo de las nueve ediciones previas de la revista, correspondiente al periodo 1995-2003.



■ **IAMCR 2005: reflexões num país tropical e bonito por natureza**  
César Bolaño (UFS, Aracaju, Brasil)

A International Association for Media and Communication Research (IAMCR), realizou, de 25 a 29 de julho de 2005 em Taipei, sua conferência anual, que teve como tema central “Freedom, Control and Democracy in the Age of Globalization”.

Participaram desta conferência mais de 270 pesquisadores de 39 países. Esses participantes estão assim distribuídos por continentes: África (8), América (54), Ásia (140), Europa (56) e Oceania (19). Os dados expressam o enorme peso que os Estados Unidos (41 participantes) e a Europa (56), especialmente a Alemanha (10), têm na entidade. Também a Austrália teve uma participação importante. Os números relativos a Taiwan (65), evidentemente, refletem o fato de o evento ter ocorrido lá. Mas é interessante, por outro lado, a baixíssima participação relativa dos países asiáticos mais próximos, excetuando-se Japão (26) e Coreia (11). Se descontarmos esses dois, mais os anfitriões, a participação asiática cai para 38 pessoas, ou seja, abaixo da norte-americana. Se descontarmos ainda o Oriente Médio, esse número se reduz ainda mais (23). Da República Popular da China havia apenas dois

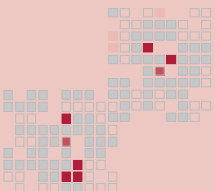
participantes. Barreira lingüística? Poder aquisitivo? Questões políticas no caso da China? Não importa aqui analisar essas questões. O que interessa ressaltar simplesmente é a hegemonia do chamado Primeiro Mundo, sem exceções. Se fôssemos analisar os números do congresso de 2004, realizado em Porto Alegre, RS, Brasil, certamente chegaríamos a uma situação semelhante. Se tomássemos os dados dos membros pagantes da entidade, o quadro não mudaria na sua essência.

O mesmo ocorreria se o objeto de análise fosse a participação dos sócios nas diferentes instâncias de poder da entidade: diretoria, conselho internacional, coordenação de sessões e grupos de trabalho. Essa assimetria na participação das diferentes comunidades nacionais está vinculada, por um lado, certamente, a distorções históricas da política de filiação e de definição das contribuições anuais dos sócios. Só para citar um exemplo, os membros institucionais dos países de alta renda pagam uma anuidade de quatrocentos dólares, com o direito de inscrever dez indivíduos, o que representa 50% de desconto em relação ao que esses mesmos indivíduos pagariam filiando-se pessoalmente, enquanto, no caso dos países de baixa renda, o valor pago pelo sócio institucional é de duzentos dólares, o que significa que não há qualquer desconto. Mais: a filiação

institucional é muito significativa (e responsável por boa parte das receitas da entidade), no caso europeu, e nula, no caso dos países de baixa renda. Em todo caso, trata-se de problemas que a nova diretoria tem discutido, para cuja solução, eu próprio, na qualidade de tesoureiro, deverei contribuir, apresentando uma proposta de mudança em breve.

Há, no entanto, uma segunda ordem de questões estruturais. As nossas assimetrias refletem outras muito mais fundamentais, ligadas aos níveis de desenvolvimento socioeconômico, à hegemonia da língua inglesa no campo acadêmico, à hegemonia da Europa e dos Estados Unidos na produção científica certificada, seguida de países como a Coreia e o Japão, em suma, às assimetrias constitutivas daquilo que vem sendo chamado de economia do conhecimento e que não é outra coisa senão a nova forma em que se estrutura a produção capitalista, reforçando a integração das lógicas industrial e acadêmica, científica e tecnológica, da produção e distribuição da riqueza entre as classes sociais e entre os países e regiões. Mas não vamos nos deter aqui para analisar, mesmo que de forma sucinta, questões tão complexas e vitais.

É importante dizer, todavia, que, em algum momento, quando o presidente Lula ainda parecia governar e o país não estava submerso na crise política em que se en-



contra, falava-se na necessidade de relações econômicas e, por consequência, científicas e tecnológicas, de integração entre economias importantes do Terceiro Mundo, como as do Brasil, inserido em um Mercosul que pretendia abranger toda a América do Sul, da China, África do Sul, Índia e até mesmo Rússia, visando a reduzir a dependência e criar as bases para um modelo de desenvolvimento alternativo, destinado a eliminar a exclusão social e as marcas do subdesenvolvimento. Da experiência de Taipei, minha primeira viagem para fora do mundo cristão ocidental, retornei convencido de que essas relações seriam de fato fundamentais e que nossa função, como intelectuais ligados ao ensino e à pesquisa em comunicação, seria precisamente a de ampliá-las para o campo da cultura, onde certamente teríamos muito a aprender da tradição chinesa, por exemplo, de sobriedade, cordialidade e respeito aos outros.

Durante a longa viagem que me trouxe de volta daquele belo país tropical, onde tive o prazer de saborear, todos os dias, um delicioso café da manhã, ao estilo chinês, acompanhado, sempre, da melhor música brasileira, pensei nisso o tempo inteiro. Pena que apenas eu e outros três gatos pingados tenhamos nos dado conta deste detalhe fundamental.

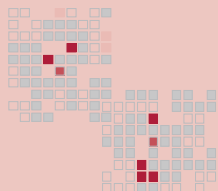
### ■ Balanço das atividades das diretorias da Alaic 1998-2001 e 2002-2005

Por ocasião da Assembléia Geral Ordinária da Alaic Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, realizada no dia 14 de maio de 2005, na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil, a então presidente, Margarida Maria Krohling Kunsch, apresentou um breve balanço das atividades das duas gestões das diretorias (1998-2001 e 2002-2005) a que esteve à frente. De acordo com ela, graças a todos os esforços empreendidos pelos integrantes que dirigiram a entidade e com o apoio dos sócios e das universidades latino-americanas, foi possível consolidar a Alaic como uma entidade científica representativa do campo da Comunicação no continente americano, mediante a execução de inúmeras ações concretas.

Inicialmente, foi criada toda uma infra-estrutura física de secretaria, com sede na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, por meio de sala própria com equipamentos e linha telefônica para o devido funcionamento da entidade. Foram providenciados, também, os registros legais (atas de assembléia, Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica –

CNPJ), a contratação de serviços de contabilidade, a abertura de conta bancária da entidade e a implantação do sistema de cartão de crédito para viabilização das operações financeiras nacionais e internacionais. Outras atividades importantes desenvolvidas e inerentes à secretaria da entidade foram a organização do quadro associativo, avaliando a situação dos sócios antigos e incentivando a filiação de novos sócios individuais e institucionais; a correspondência e cobranças de anuidades dos sócios; a correspondência institucional de rotinas diárias; a contratação de estagiário; a adesão de voluntários e bolsistas para ajudar nos projetos em andamento e a busca de apoio permanente à equipe de funcionários do Gestcorp-Curso de Especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas da ECA-USP. A Professora Margarida referiu-se, ainda, à atualização do logotipo da entidade e à produção de novos materiais impressos, sobretudo a produção do folder de identificação da associação, além de todo o material necessário para a sua apresentação institucional

A então presidente detalhou como foi processo de criação e produção do portal (site) da entidade e sua evolução até 2005. Enfatizou que este foi, sem dúvida, o meio de comunicação por excelência, que



permitiu à Alaic comunicar-se com os sócios e com a comunidade latino-americana de comunicação, consolidando a sua presença junto às entidades, aos pesquisadores, professores e profissionais da área que compõe o seu universo de atuação no continente.

Em seguida, falou dos Grupos de Trabalhos da Alaic, da estruturação dos grupos existentes e da incorporação de novos, assim como dos contatos permanentes que vêm sendo realizados com os coordenadores responsáveis, sobretudo por ocasião dos congressos. Destacou os Congressos bi-anuais (1998, 2000, 2002 e 2004) e os Seminários bi-anuais (1999, 2001 e 2005), assim como a publicação de livros dos GTs e dos Congressos.

Outra iniciativa importante foi a criação e a veiculação periódica do Boletim Eletrônico da entidade, como espaço para divulgar as ações da associação e, ao mesmo tempo, promover a integração, a divulgação e o fortalecimento da produção científica da comunidade acadêmica latino-americana de comunicação. Desde 2003, esse boletim passou a ser temático, ampliando o espaço para a difusão dos conhecimentos gerados pelos pesquisadores, integrantes dos Gts. Alaic.

Falou da importância do lançamento da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación em 2004, destacando seu pro-

cesso de consultas para criação, e elaboração do projeto editorial e do projeto gráfico, dos esforços para captação de recursos/ patrocínio, assim como os trabalhos previstos para a produção das edições futuras.

Em seguida, abordou a reforma e a atualização dos estatutos, tarefa ainda pendente, que a nova diretoria terá de assumir com todo o tempo necessário a fim de melhor conduzir todo o processo de reformulação.

Outro destaque ficou por conta do trabalho empreendido para desenvolver e consolidar o Processo Eleitoral 2005. Este foi conduzido de forma democrática e transparente, por meio do voto eletrônico, e sem custos para a entidade, embora tenha exigido, por parte da presidência, grande empenho para que tudo corresse sem maiores problemas. O fato de a Alaic ter incorporado a votação eletrônica para esta eleição, permitiu não só regularizar a situação financeira dos sócios vigentes, mas, sobretudo, aumentar a quantidade de novos associados.

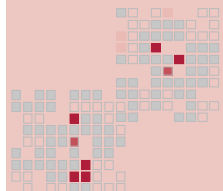
Finalmente, a Profa. Margarida apresentou os livros de contabilidade de 1999 a 2004 e do primeiro semestre de 2005, a fim de prestar contas aos sócios da administração financeira da entidade. Sublinhou a importância da situação financeira estar em ordem e que a próxima diretoria começaria sua gestão com recursos em caixa, fruto das anuidades e das novas filiações dos

sócios, bem como dos congressos realizados na sua gestão.

Os participantes dessa assembléia, formada por pesquisadores e professores de Comunicação de vários países da América Latina e Espanha, na qualidade de sócios da entidade, ali se encontravam, congratularam-se pelas conquistas obtidas e realizações levadas a efeito nos períodos mencionados.

O novo presidente da Alaic, Erick Torrico Villanueva, ao tomar posse para o novo triênio (2005-2008) manifestou que o momento em que vive a entidade tem três características. A primeira é um momento emotivo, porque se devia reconhecer e agradecer o trabalho da ex-presidente. A segunda característica é que a nova diretoria deve iniciar seu mandato assumindo um grande desafio, no qual existirão muitas dificuldades e que não será um trabalho simples. A terceira característica, por fim, é que a Alaic se converteu num espaço insubstituível no campo acadêmico na região, e que se deve tentar avançar, porque a associação chegou a um ponto muito alto, não sendo admissível retroceder.

Registrou, ainda, o empenho de Margarida Krohling Kunsch frente à entidade e da diretoria passada, destacando que estão entregando a direção da Alaic com confiança e entusiasmo. Afirmou que ele e os novos diretores pretendem ca-





minhar juntos e trabalhar em equipe. Na ocasião, destacou o reconhecimento pessoal a Margarida Maria Krohling Kunsch, assegurando que seu trabalho sempre foi muito intenso e produtivo. Sublinhou que ela teve que enfrentar muitos problemas, mas que os superou com sucesso. Manifestou que pretende repetir as ações realizadas, dando continuidade aos congressos bi-anuais e aos seminários internacionais.

### ■ Alaic elige nuevo Consejo Directivo

Jorge Villena

El 14 de mayo del presente, en el Auditório “Professor Cândido Teobaldo de Souza Andrade” de la Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Brasil, los miembros de la Alaic eligieron el nuevo Consejo Directivo de esta entidad para el trienio 2005 - 2008.

A la cabeza del profesor boliviano Erick Torrico Villanueva, el frente “Siglo XXI” fue elegido por unanimidad de los participantes en este proceso electoral. Existieron 35 votos individuales y 37 votos institucionales.

Los miembros del flamante Consejo Directivo tienen una amplia trayectoria en la investigación de la comunicación latinoamericana. Erick Torrico trabaja en la Universidad Andina Simón Bolívar (UASB-Bolivia); Alfredo Alfonso,

primer vicepresidente, de la Universidad Nacional de La Plata e Universidad Nacional de Quilmes-Argentina; César Ricardo Siquiera Bolaño, segundo vicepresidente, de la Universidad Federal de Sergipe-Brasil; a ellos se suman como Directores: Migdalia Pineda de Alcázar - Universidad de Zulia (Venezuela), Octavio Islas - Instituto Tecnológico de Monterrey (México) y Ancízar Narváez Montoya - Universidad Pedagógica de Bogotá (Colombia).

Para más informaciones sobre la nueva directoria de Alaic, visite al site [www.alaic.net](http://www.alaic.net).

### ■ Comunicación y gobernabilidad en América Latina será tema en el VIII Congreso de la Alaic

Del 19 al 21 de julio de 2006 se llevará a cabo en Sao Leopoldo, Rio Grande do Sul (Brasil), la octava versión del Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación cuyo tema central será “Comunicación y gobernabilidad en América Latina” organizado por la Alaic.

La anfitriona de este magno evento que espera reunir a varios cientos de investigadores, profesores y estudiantes de Comunicación será la Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Considerando el marco general de la dinámica económica, política, social y cultural que los países latinoamericanos viven desde finales

de la década de 1990 es claro que la región atraviesa por a veces tensos procesos de reorganización producto de la búsqueda de un modelo democrático propio, con ciudadanos informados y participativos, así como con transparencia institucional, que sea capaz de atender las necesidades y urgencias de los pueblos. En ese contexto, los procesos de comunicación –masiva, comunitaria e interpersonal– han alcanzado un renovado papel, inclusive de tipo protagónico, atribuible a diferentes circunstancias.

El VIII Congreso Alaic pretende examinar ese entramado –sus características, manifestaciones y proyecciones– desde el punto de vista comunicacional, al mismo tiempo de abrir el ya tradicional espacio de sus 21 GTs para conocer y debatir la producción investigativa especializada procedente de la región y las otras zonas del mundo donde trabajan estudiosos dedicados al análisis de la problemática de la comunicación latinoamericana.

La recepción de ponencias se efectuará del 1 de diciembre de 2005 al 31 de marzo de 2006 y las inscripciones para los participantes serán recibidas del 2 de enero al 20 de julio de 2006. La convocatoria completa puede ser hallada en el sitio [www.alaic.net](http://www.alaic.net) y cualquier consulta puede ser dirigida al correo electrónico [secretaria@alaic.net](mailto:secretaria@alaic.net).

